

CCB

3 NOV 24

***VENTOS DO
OCIDENTE:
MÚSICA CORAL
DO SÉC. XX
ENSEMBLE MPMP***



**CENTRO DE ARTES
PERFORMATIVAS E
PENSAMENTO**

I Parte

I. Ventos de Espanha

Manuel Oltra (1922-2015)

Canciones de Amor: Madrigallillo

Fernando Remacha (1898-1984)

Cinco Canciones Castellanas: Arroró my niño chico

Arturo Dúo Vidal (1901-1964)

Mozuca

II. Traços antigos

Joaquín Rodrigo (1901-1999)

Canciones Sefardíes: Malato está el hijo del Rey

Fernando Remacha (1898-1984)

Canciones Galaico-Portuguesas: Ai ondas que eu vin veer

Sedia-mi eu na ermida de San Simión

Bailemos agora, por Deus, ai velidas

Maurice Duruflé (1902-1986)

Quatre motets sur des thèmes grégoriens: Ubi caritas

III. Música modal

Joly Braga Santos (1924-1988)

Composições Corais sobre Clássicos Castelhanos

Cuatro Canciones: De los álamos

Al alba venid

Percy Grainger (1882-1961)

Brigg Fair

IV. Modernidade

Claude Debussy (1862-1918)

Trois Chansons de Charles D'Orléans: Quand j'ay oui le tambourin

Jorge Peixinho (1940-1995)

O meu lar é o meu mundo

Francis Poulenc (1899-1963)

La blanche neige

II Parte

V. Ausência, despedida, desengano

Jorge Croner de Vasconcelos (1910–1974)

Fermoso Tejo meu

Vaughan Williams (1882–1961)

The Turtle Dove

Maurice Ravel (1875–1937)

Trois Chansons: Trois beaux oiseaux du Paradis

VI. Flores e natureza

Benjamin Britten (1913–1976)

Five Flowers Songs: To Daffodils

Cláudio Carneiro (1895–1963)

As Saudades

Luís de Freitas Branco (1890–1955)

Madrigais Camonianos: Verdes São as Hortas

VII. Paisagens marítimas

Frederico de Freitas (1902–1980)

À barca segura

Joly Braga Santos (1924–1988)

Composições Corais sobre Clássicos Castelhanos

Madrigais: La Mar en medio

Richard Rodney Bennet (1936–2012)

Sea Change: The Bermudas

Soprano **Cecília Rodrigues**

Contralto **Fátima Nunes**

Tenor **Jorge Leiria**

Baixo **André Baleiro**

Direção coral **Clara Alcobia Coelho**

Ensemble MPMP

Concerto comentado por **Alexandre Delgado**

VENTOS DO OCIDENTE: MÚSICA CORAL DO SÉC. XX

Damos a escutar neste concerto um percurso pela música coral de quatro países europeus, de tradição e estilos musicais diversos, destacando os compositores mais relevantes deste período e género musical.

Esta seleção, dividida em sete partes temáticas, guia-nos por sonoridades evocativas da música de Espanha, por reinterpretações de traços antigos, pelo exotismo das escalas modais, pelas explorações do modernismo e por imaginários poéticos específicos ligados à ausência e despedida, ao Mar e à Natureza.

I: Ventos de Espanha

A abertura do concerto traz o calor da música do país vizinho e inicia-se com *Madrigallillo* de Manuel Oltra, uma peça que condensa a simplicidade do texto de Lorca com o lirismo exótico das melodias espanholas. *Arroró my niño chico* de Fernando Remacha explora a delicadeza de uma canção de ninar das Ilhas Canárias, e *Mozuca*, de Arturo Dúo Vidal, contém a energia vibrante das escalas e dos ritmos andaluzes.

II: Traços antigos

Apresentam-se três exemplos distintos de inspiração e reinterpretação de elementos antigos e históricos na composição musical do séc. XX. Nas *Canciones Sefardíes*, Joaquín Rodrigo harmoniza temas da diáspora judaica espanhola. As *Canciones Galaico-Portuguesas* de Fernando Remacha são escritas ao estilo de um género antigo – o Vilancico, e foram descobertas recentemente, estreadas em Pamplona em dezembro de 2023 e são aqui interpretadas pela primeira vez em Portugal. Por fim, como homenagem ao Canto Gregoriano como primórdio da tradição musical europeia, integramos neste programa um único exemplar de música sacra, o motete *Ubi caritas* de Maurice Duruflé, que faz parte de um ciclo composto sobre temas gregorianos.

III: Música modal

As *Composições Corais sobre Clássicos Castelhanos* de Joly Braga Santos, gravadas no presente ano pelo Ensemble MPMP e inéditas na sua maioria, são um ciclo de canções para coro de um valor inestimável, a par da melhor música europeia para coro. Apresentamos nesta secção as duas primeiras canções, de escrita exclusivamente modal lideradas pelas vozes solistas do tenor e do soprano. *Brigg Fair*, de Percy Grainger, é uma encantadora *folksong* britânica que exemplifica o uso expressivo de modo dórico – que, saindo da terminologia exclusivamente técnica, pode ser resumido como uma mistura harmónica entre claro e escuro. Foi escrita por um compositor de origem australiana numa das suas viagens a Inglaterra, onde, numa deambulação pela feira de Brigg, terá escutado este tema que o fascinou e impeliu a fazer esta harmonização para coro e solo de tenor.

IV: Modernidade

Esta secção explora a expansão dos horizontes musicais no século XX. Claude Debussy é um dos compositores mais geniais do seu tempo, e a canção *Quand j'ay oui le tambourin* mistura leveza, complexidade de texturas e *word painting*, uma técnica de escrita em que os sons mimetizam o sentido do texto e dos seus objetos. Jorge Peixinho foi um compositor bastante posterior e assumidamente de vanguarda, sendo *O meu lar é o meu mundo* uma das suas composições de juventude enquanto estudante em Itália, e uma das suas primeiras incursões na atonalidade e no dodecafonismo. *La blanche neige* de Francis Poulenc é uma peça de estrutura livre inspirada pela sucessão de ideias do texto surrealista e simbolista de Apollinaire, de carácter musical ligeiro e com breves alusões à harmonia jazz.

V: Ausência, despedida e desengano

No começo da segunda parte do concerto partimos para lugares mais sombrios. Se há um estilo saudosista português *Fermoso Tejo meu* de Jorge Croner de Vasconcelos é deste certamente representativa. O texto desta composição é de Rodrigues Lobo, um poeta que viveu praticamente toda a sua vida durante a ocupação espanhola. *The Turtle Dove* de Vaughan Williams é uma canção estrófica escrita sobre uma melodia inglesa do séc. XVIII que canta na voz do barítono a despedida entre dois apaixonados. Escrita em 1915, *Trois beaux oiseaux du Paradis* de Maurice Ravel é uma canção preciosa, onde a ausência e incerteza em contexto de guerra se transformam em beleza pura.

VI: Flores e natureza

Para esta secção escolhemos das cinco *Five Flower Songs* de Benjamin Britten a leveza poética de *To Daffodils*, as flores de breve existência. A peça *As Saudades* de Cláudio Carneiro foi escrita sobre um texto de António Correia d'Oliveira e é ambivalente no seu significado — sendo as flores pertencentes ao género botânico *Scabiosa atropurpurea* uma espécie popularmente conhecida como *Saudades*. Com a presença do incortonaível compositor Luís de Freitas Branco, autor de *30 Madrigais Camonianos*, encerramos este capítulo com as vozes masculinas do formoso madrigal *Verdes São as Hortas*.

VII: Paisagens marítimas

À barca segura de Frederico de Freitas é um breve tema em estilo recitado, que facilmente imaginamos num contexto de representação teatral das *Barcas* de Gil Vicente. Regressamos de seguida às já referidas *Composições Corais sobre Clássicos Castelhanos*. Deste ciclo os três *Madrigais* podem ser nomeados como o expoente máximo da música coral *a capella* de Joly Braga Santos. Em *La Mar en Medio* o compositor idealizou para o texto de Garcilaso

de la Vega uma sonoridade inigualável, construindo uma música simultaneamente clara e densa, de estrutura sóbria e harmonia moderna, de uma solenidade expressiva decorrente das palavras. Terminamos com a obra de Richard Rodney Bennett, *Sea Change: The Bermudas*, a mais longa deste programa, uma impressionante ode à vastidão e mistério dos oceanos, e à criação e benignidade da providência divina.

Clara Alcobia Coelho

Madrigalillo

Cuatro granados tiene tu huerto.
(Toma mi corazón nuevo.)
Cuatro cipreses tendrá tu huerto.
(Toma mi corazón viejo.)
Sol y luna.
Luego... ¡ni corazón ni huerto!

Madrigalzinho

Quatro romãzeiras tem o teu pomar.
(Toma o meu coração novo.)
Quatro ciprestes terá o teu pomar.
(Toma o meu coração velho.)
Sol e lua.
Depois... nem coração, nem pomar!

**Federico García Lorca
(1898–1936)**

Arroró mi niño chico,
arroró que viene el coco,
e que viene preguntando a los niños que
duermen poco.
Con el arroró y el sueño mi niño se me
durmió,
Con el arroró y el arroró y el arroró.

Arroró meu menino pequeno,
arroró que vem o bicho-papão,
e que vem perguntando aos meninos que
dormem pouco.
Com o arroró e o sono, meu menino
adormeceu.
Com o arroró e o arroró.

**Canção de embalar
das ilhas Canárias**

Dicen que eres buena moza, buena moza
no lo eres
Dicen que eres resalada, dónde está la sal
que tienes?
Yo la vi y ella me miraba, y en la mano levaba
una jarra.

Por tres cosas te he querido: por morena y
por alegre
Y por los ojos bonitos que aprisionado me
tienen
Yo la vi y ella me miraba, y en la mano levaba
una jarra.

Dicen que eres buena moza, buena moza
no lo eres
Dicen que eres resalada, dónde está la sal
que tienes?
Yo la ví y ella me miró, y en la mano levaba
una flor.

Ay que sí que sí, ay que no, que no,
Si tú tienes huerta prado tengo yo.
Ay que sí que sí, ay que no, que no,
Si tú tienes madre abuela tengo yo.

Por tres cosas te he querido: por morena y
por alegre
Y por los ojos bonitos que aprisionado me
tienen
Ay que sí que sí, ay que no, que no,
Si tú tienes huerta prado tengo yo.
Ay que sí que sí, ay que no, que no,
Si tú tienes madre abuela tengo yo.
Si tu tienes jarra vino tengo yo.

Dizem que és boa moça, boa moça não és
Dizem que és engraçada, onde está o sal
que tens?
Eu a vi e ela me mirava, e na mão levava
uma jarra.

Por três coisas te amei: por seres morena
e alegre
E pelos olhos bonitos que me têm
aprisionado.
Eu a vi e ela me mirava, e na mão levava
uma jarra.

Dizem que és boa moça, boa moça não és
Dizem que és engraçada, onde está o sal
que tens?
Eu a vi e ela me mirou, e na mão levava
uma flor.

Ai que sim, que sim, ai que não, que não,
Se tens horta, prado tenho eu.
Ai que sim, que sim, ai que não, que não,
Se tens mãe, avó tenho eu.

Por três coisas te amei: por seres morena
e alegre
E pelos olhos bonitos que me têm
aprisionado.
Ai que sim, que sim, ai que não, que não,
Se tens horta, prado tenho eu.
Ai que sim, que sim, ai que não, que não,
Se tens mãe, avó tenho eu.
Se tens jarra, vinho tenho eu.

**Canção montanhesa
(Cantábria)**

I.

Ai ondas que eu vin veer,
Se me saberedes dizer por que tarda meu
amigo sen min?
Ai ondas que eu vin mirar,
Se me saberedes contar por que tarda meu
amigo sen min?

II.

Bailemos agora, por Deus, ai velidas, soa
questas avelaneiras frolicas,
E quen for velida como nós, velidas se
amigo amar, soa questas avelaneiras frolicas
verrá bailar.

III.

Sedia-mi eu na ermida de San Simión
e cercaronmi as ondas, que grandes son;
eu atendend'ó meu amigo.
Estando na ermida, ante o altar,
Cercaronmi as ondas grandes do mar;
eu atendend'ó meu amigo.
E cercaronmi as ondas, que grandes son;
e non he barqueiro nen remador;
eu atendend'ó meu amigo.
Cercaronmi as ondas do alto mar;
e non he barqueiro nen sei remar;
Non he barqueiro nen remador;
E morrerei formosa no mar maior.
Non he barqueiro nen sei remar;
E morrerei formosa no alto mar
eu atendend'ó meu amigo.

I.

Ai ondas que eu vim ver,
Se me saberão dizer por que tarda o meu
amigo sem mim?
Ai ondas que eu vim olhar,
Se me saberão contar por que tarda o
meu amigo sem mim?

Martin Codax (ss. XIII-XIV)

II.

Dancemos agora, por Deus, ai belas, sob
estas aveleiras floridas,
E quem for bela como nós, belas,
se o amigo amar, sob estas aveleiras
floridas virá dançar.

João Zorro (ss. XIII-XIV)

III.

Sentava-me eu na ermida de São Simão
e cercaram-me as ondas, que grandes são;
eu à espera do meu amigo.
Estando na ermida, diante do altar,
Cercaram-me as ondas grandes do mar;
eu à espera do meu amigo.
E cercaram-me as ondas, que grandes são;
e não há barqueiro nem remador;
eu à espera do meu amigo.
Cercaram-me as ondas do alto mar;
e não há barqueiro nem sei remar;
Não há barqueiro nem remador;
E morrerei formosa no maior mar.
Não há barqueiro nem sei remar;
E morrerei formosa no alto mar
eu à espera do meu amigo.

Mendiño (ss. XIII-XIV)

Malato esta el hijo del rey,
malato que non salvaba,
siete doctores lo miran,
los mejores de Granada.
Siete doctores lo miran,
cien ya suben, cien ya baxan,
ninguno le hace nada,
que no salva, non salvaba.

Enfermo está o filho do rei,
doente que não se salvava,
sete doutores o examinam,
os melhores de Granada.
Sete doutores o examinam,
cem já sobem, cem já descem,
nenhum consegue fazer nada,
pois não salva, não se salvava.

Canção sefardita

Ubi caritas et amor, Deus ibi est.
Congregavit nos in unum Christi amor.
Exultemus, et in ipso iucundemur.
Timeamus, et amemus Deum vivum.
Et ex corde diligamus nos sincero.

Onde há caridade e amor, Deus aí está.
O amor de Cristo nos reuniu em um só.
Exultemos e nele nos alegremos.
Temamos e amemos o Deus vivo.
E de coração amemo-nos uns aos outros
com sinceridade.

Antífona para Quinta-feira Santa

De los álamos vengo, madre
De ver cómo los menea el aire.
De los álamos de Sevilla,
De ver a mi linda amiga.

Venho dos álamos, mãe,
de ver como o vento os balança.
Dos álamos de Sevilla,
de ver minha linda amiga.

Al alba venid buen amigo,
al alba venid.
Amigo el que yo más quería
venid al alba del día.
Amigo el que yo más amaba,
venid a la luz del alba.
Venid a la luz del día,
non traigáis compañía.
Venid a la luz del día,
non traigáis gran compañía.

Ao alvorecer vinde, bom amigo,
ao alvorecer vinde.
Amigo que eu mais queria,
vende ao alvorecer do dia.
Amigo que eu mais amava,
vende à luz da aurora.
Vinde à luz do dia,
não tragais companhia.
Vinde à luz do dia,
não tragais grande companhia.

Anónimo séc. XVI
Cancionero Musical de Turín

Brigg Fair

It was on the fifth of August, the weather fair
and mild,

Unto Brigg Fair I did repair, for love I was
inclined.

I rose up with the lark in the morning, with
my heart so full of glee,
Of thinking there to meet my dear, long time
I wished to see.

I took hold of her lily-white hand, O, and
merrily was her heart:

“And now we’re met together, I hope we
ne’er shall part.”

For it’s meeting is a pleasure, and parting is
a grief,
But an unconstant lover is worse than any
thief.

The green leaves they shall wither, and the
branches they shall die

If ever I prove false to her, to the girl that
loves me well.

For it’s meeting is a pleasure, and parting is
a grief,

But an unconstant lover is worse than any
thief.

Feira de Brigg

Foi no quinto de agosto, o clima era
ameno e belo,

Para a Feira de Brigg eu fui, inclinado
estava para o amor.

Levantei-me com a cotovia pela manhã,
com o coração tão cheio de alegria,
Pensando em encontrar minha querida,
que há muito tempo eu desejava ver.

Peguei sua mão alva como lírio, oh, e
alegre estava seu coração:

“E agora que estamos juntos, espero que
nunca nos separemos.”

Pois o encontro é um prazer, e a
despedida é uma tristeza,
Mas um amante inconstante é pior do que
qualquer ladrão.

As folhas verdes não de murchar, e os
ramos não de morrer

Se algum dia eu lhe for infiel, à rapariga
que tanto me ama.

Pois o encontro é um prazer, e a
despedida é uma tristeza,
Mas um amante inconstante é pior do que
qualquer ladrão.

Canção do folclore inglês (Lincolnshire)

Quant j’ai ouy le tabourin
Sonner pour s’en aller au may,
En mon lit n’en ay fait affray
Ne levé mon chef du coissin;

En disant: il est trop matin,
Ung peu je me rendormiray,
Quant j’ai ouy le tabourin
Sonner pour s’en aller au may.

Quando ouvi o tamborim
Tocar para sair em maio,
Na minha cama, não fiz alarde,
Nem levantei a cabeça do travesseiro;

Dizendo: é cedo demais,
Vou dormir mais um pouco,
Quando ouvi o tamborim
Tocar para sair em maio.

Jeunes gens partent leur butin;
De Nonchaloir m'acointeray,
A lui je m'abutineray;
Trouvé l'ay plus prochain voisin,
Quant j'ai ouy le tabourin!

Jovens dividem as suas conquistas;
Com a Despreocupação vou conviver
A ela me vou afeiçoar;
Achei o vizinho mais próximo,
Quando ouvi o tamborim!

Charles d'Orléans
(1394-1465)

O meu lar é o meu mundo
O mundo que Deus me deu
Há muitos mundos no mundo
Mas este mundo é que é meu

Jorge Peixinho
(1940-1995)

La blanche neige

Les anges, les anges dans le ciel
L'un est vêtu en officier
L'un est vêtu en cuisinier
Et les autres chantent

Bel officier couleur du ciel
Le doux printemps longtemps après Noël
Te médaillera
D'un beau soleil.

Le cuisinier plume les oies
Ah! tombe neige
Tombe et que n'ai je
Ma bien-aimée entre mes bras

A branca neve

Os anjos, os anjos no céu
Um está vestido de oficial
Outro está vestido de cozinheiro
E os outros cantam

Belo oficial da cor do céu
A doce primavera, muito depois do Natal
Te condecorará
Com um belo sol.

O cozinheiro depena os gansos
Ah! cai neve
Cai, e que eu não tenho
A minha amada nos meus braços

Guillaume Apollinaire
(1880 - 1918)

Formoso Tejo meu, quão diferente
te vejo e vi, me vês agora e viste!
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a grossa enchente
a quem teu largo campo não resiste;
a mim trocou-me a vista em que consiste
o meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes,
sejamo-lo no bem. Oh! quem de dera,
que fôssemos em tudo semelhantes!

Lá virá então a fresca primavera!
Tu tornarás a ser quem eras de antes
E eu não sei se serei quem de antes era!

Francisco Rodrigues Lobo
(1580-1622)

Turtle Dove

Fare you well, my dear, I must be gone,
And leave you for a while;
If I roam away I'll come back again,
Though I roam ten thousand miles, my dear,
Though I roam ten thousand miles.

So fair thou art, my bonny lass,
So deep in love am I;
But I never will prove false to the bonny lass
I love,
Till the stars fall from the sky, my dear,
Till the stars fall from the sky.

The sea will never run dry, my dear,
Nor the rocks melt with the sun,
But I never will prove false to the bonny lass
I love,

Rola brava

Despeço-me, minha querida, devo partir,
E deixar-te por um tempo;
Se eu me afastar, voltarei novamente,
Embora eu vagueie por dez mil milhas,
minha querida,
Embora eu vagueie por dez mil milhas.

Tão bela és tu, minha bela moça,
Tão profundamente enamorado estou;
Mas nunca serei falso com a bela moça
que amo,
Até que as estrelas caíam do céu, minha
querida,
Até que as estrelas caíam do céu.

O mar nunca secará, minha querida,
Nem as rochas derreterão com o sol,
Mas nunca serei falso com a bela moça
que amo,

Till all these things be done, my dear,
Till all these things be done.

O yonder doth sit that little turtle dove,
He doth sit on yonder high tree,
A-making a moan for the loss of his love,
As I will do for thee, my dear,
As I will do for thee.

Trois beaux oiseaux du Paradis
Mon ami z-il est à la guerre
Trois beaux oiseaux du Paradis
Ont passé par ici.

Le premier était plus bleu que le ciel,
(Mon ami z-il est à la guerre)
Le second était couleur de neige,
Le troisième rouge vermeil.

«Beaux oiselets du Paradis,
(Mon ami z-il est à la guerre)
Beaux oiselets du Paradis,
Qu'apportez par ici?»

«J'apporte un regard couleur d'azur
(Ton ami z-il est à la guerre)»
«Et moi, sur beau front couleur de neige,
Un baiser dois mettre, encore plus pur.»

Oiseau vermeil du Paradis,
(Mon ami z-il est à la guerre)
Oiseau vermeil du Paradis,
Que portez vous ainsi?

«Un joli coeur tout cramoisi»
Ton ami z-il est à la guerre
«Ha! je sens mon coeur qui froidit...
Emportez le aussi.»

Até que todas essas coisas se realizem,
minha querida,
Até que todas essas coisas se realizem.

Oh, ali repousa aquela pequena rola,
Ela repousa naquela árvore alta,
Lamentando pela perda de seu amor,
Assim farei por ti, minha querida.
Assim farei por ti.

Balada popular inglesa, séc. XVIII

Três lindas aves do Paraíso
Meu amigo está na guerra
Três lindas aves do Paraíso
Passaram por aqui.

A primeira era mais azul que o céu,
(Meu amigo está na guerra)
A segunda era cor de neve,
A terceira, vermelho carmesim.

«Belos passarinhos do Paraíso,
(Meu amigo está na guerra)
Belos passarinhos do Paraíso,
Que trazeis por aqui?»

«Eu trago um olhar cor de azul,
(Teu amigo está na guerra)»
«E eu, na bela fronte cor de neve,
Um beijo devo colocar, ainda mais puro.»

Ave carmesim do Paraíso,
(Meu amigo está na guerra)
Ave carmesim do Paraíso,
O que trazes então?"

«Um lindo coração todo ensanguentado»
(Teu amigo está na guerra)
«Ah! sinto meu coração esfriar...
Levem-no também.»

**Maurice Ravel
(1875-1937)**

To Daffodils

Fair daffodils, we weep to see
You haste away so soon;
As yet the early-rising sun
Has not attained his noon.
Stay, stay,
Until the hasting day
Has run
But to the evensong,
And, having prayed together, we
Will go with you along.

We have short time to stay, as you,
We have as short a spring;
As quick a growth to meet decay,
As you, or anything.
We die
As your hours do, and dry
Away
Like to the summer's rain,
Or as the pearls of morning's dew,
Ne'er to be found again.

Aos Narcisos

Narcisos belos, choramos ao ver-vos
partirem tão cedo;
Ainda o sol da manhã
não alcançou o seu meio-dia.
Fiquem, fiquem,
Até que o dia apressado
Tenha percorrido
até à oração da noite,
E, tendo orado juntos, nós
Iremos convosco.

Nós temos pouco tempo de permanência,
como vós,
Temos tão curto tempo como uma
primavera;
Tão rápido o crescimento até encontrar a
decadência,
Como vocês, ou qualquer coisa.
Nós morremos
Como as vossas horas fazem, e secamos
para longe
Tal como a chuva de verão,
Ou como as pérolas do orvalho da manhã,
Para nunca mais serem encontradas.

Robert Herrick
(1591—1674)

Era uma vez um rústico jardim,
Onde a noite nas sombras continuava;
E o sol, de flor em flor desabrochava,
E o dia e a noite nunca tinham fim!
Era uma vez um rústico jardim,
A madressilva que se entrelaçava;
Cravos e rosas, fonte que cantava,
e sabia chorar ao pé de mim.
No sítio mais deserto e triste e feio,

Nasceu uma saudade, aos poucos veio
subindo aos céus, do chão escuro e fundo
Quiseram-na arrancar, cavaram... Qual!
Tornem cova todo o Portugal,
Nem assim a arrancam deste mundo.

António Correia d'Oliveira
(1879-1960)

Verdes são as hortas com rosas e flores;
moças que as regam matam-me d' amores.
Entre estes penedos que daqui parecem,
verdes ervas crescem, altos arvoredos
Vai destes rochedos água com que as flores
d'outras são regadas que matam d'amores.
Com a água que cai daquela espessura,
outra se mistura que dos olhos sai:
toda junta vai regar brancas flores
onde há outros olhos que matam d'amores.
Celestes jardins, as flores, estrelas
horteloas delas são uns Serafins.
Rosas e jasmins de diversas cores;
Anjos que as regam matam-me d'amores.

Luís Vaz de Camões
(c. 1524 -1579 ou 1580)

À barca, à barca segura!
Guardar da barca perdida!
à barca, à barca da vida!
Senhores, que trabalhais
pela vida transitória,
memória, por Deus, memória
deste temeroso cais!
À barca, à barca, mortais!
Porém, na vida perdida
se perde a barca da vida.

Gil Vicente
(c. 1465 – c. 1536)

La mar en medio y tierras he dejado
de cuanto bien, cuitado, yo tenía;
y yéndome alejando cada día,
gentes, costumbres, lenguas he passado.

Ya de volver estoy desconfiado;
Pienso remedios en mi fantasía,
y el que más cierto espero es aquel día
que acabará la vida y el cuidado.

De qualquer mal pudiera socorrerme
con veros yo, señora, o esperallo,
si esperallo pudiera sin perdello;

mas de no veros ya para valerme,
si no es morir, ningún remedio hallo,
y si éste lo es, tampoco podré habello.

Deixei o mar e terras entre mim
e quanto bem, coitado, eu possuía;
e ao ir-me afastando cada dia,
gentes, costumes e línguas passei.

Estou desconfiado de que não hei de voltar;
procuro remédios na minha fantasia,
e o que mais certo espero é esse dia
em que acabará a vida e o sofrimento.

De qualquer mal me poderia socorrer
se vos visse, senhora, ou o esperasse
se pudesse esperá-lo sem perde-lo.

mas se já não vos vejo para me valer,
se não é morrer, nenhum outro remédio
tenho;
e se este o é, tampouco poderei tê-lo.

**Garcilaso de la Vega
(1498-1536)**

Where the remote Bermudas ride
In the ocean's bosom unespied,
From a small boat that row'd along
The listening woods received this song:
'What should we do but sing His praise
That led us through the watery maze
Unto an isle so long unknown,
And yet far kinder than our own?
Where He the huge sea-monsters wracks,
That lift the deep upon their backs,
He lands us on a grassy stage,
Safe from the storms' and prelates' rage:
He gave us this eternal Spring
Which here enamels everything,
And sends the fowls to us in care
On daily visits through the air:
He hangs in shades the orange bright
Like golden lamps in a green night,
And does in the pomegranates close
Jewels more rich than Ormus shows:

Onde as remotas Bermudas cavalgam
No seio do oceano despercebidas,
De um pequeno barco que remava ao longe
Os ventos atentos recebiam esta canção.
«O que devemos fazer senão cantar Seus
louvores
Que nos conduziu pelo labirinto aquático
Até uma ilha há tanto tempo desconhecida,
E ainda assim muito mais bondosa do que
a nossa?
Onde ele destrói os enormes monstros
marinhos,
Que levantam as profundezas em suas costas,
Ele coloca-nos num palco relvado,
A salvo da tempestade e da fúria dos prelados.
Ele deu-nos esta primavera eterna
Que aqui embeleza tudo,
E nos envia as aves para nos cuidarmos,
Com visitas diárias pelo ar.
Ele pendura nas sombras a laranja brilhante,

He makes the figs our mouths to meet
And throws the melons at our feet;
But apples plants of such a price,
No tree could ever bear them twice.
With cedars chosen by His hand
From Lebanon He stores the land;
And makes the hollow seas that roar
Proclaim the ambergris on shore.
He cast (of which we rather boast)
The Gospel's pearl upon our coast;
And in these rocks for us did frame
A temple where to sound His name.
O, let our voice His praise exalt
Till it arrive at Heaven's vault,
Which thence (perhaps) rebounding
may Echo beyond the Mexique bay!

Thus sung they in the English boat
A holy and a cheerful note:
And all the way, to guide their chime,
With falling oars they kept the time.

Como lâmpadas douradas numa noite
esverdeada;
E fecha dentro das romãs
Jóias mais ricas que Ormuz mostra.
Ele faz os figos irem parar às nossas bocas
E lança os melões aos nossos pés,
Mas planta maçãs de tal valor,
Que nenhuma árvore poderia dar duas vezes.
Com cedros, escolhidos pela Sua mão,
Do Líbano, Ele abastece a terra,
E faz os mares ocos que rugem
Proclamarem o âmbar na costa.
Ele lançou (do qual mais nos orgulhamos)
A pérola do Evangelho na nossa costa,
E nestas rochas para nós formou
Um templo, onde Seu nome ecoar.
Oh, que a nossa voz exalte o seu louvor,
Até que chegue à abóbada do céu;
E que de lá (talvez) ecoando,
Ressoe além da Baía do México.»

Assim cantaram eles no barco inglês
Uma nota sagrada e alegre,
E por todo o caminho, para guiar seu cantor,
Com os remos caindo, mantiveram o ritmo.

Andrew Marvell
(1621-1678)

Traduções

Clara Alcobia Coelho
André Baleiro



© DR

Cecília Rodrigues

Soprano

Foi premiada em vários concursos destacando-se o 1.º prémio no Concurso Internacional de Almada (2015), o Prémio Jovens Músicos – Antena 2 – RTP (2017) e o Concurso de Interpretação do Estoril (2022). Apresentou-se em recital com João Paulo Santos na Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Nacional de São Carlos, Cisternmúsica, entre outros, e com David Santos no CCB. Estreou *Linhagem* de Eurico Carrapatoso no CCB. Em ópera destacam-se os papéis de Stéphanie em *Romeu e Julieta* de Gounod, First Witch, Second Woman em *Dido e Eneias* de Purcell, Servilia em *La Cleomenza di Tito* e Pamina em *A Flauta Mágica* de Mozart, Adina em *O Elixir do Amor* de G. Donizetti, Rosina em *O Barbeiro de Sevilha* de Rossini, Monica em *The Medium* de G. C. Menotti.



© O Senhor dos Retratos

Fátima Nunes

Contralto

É natural de Lisboa, realizou os seus estudos musicais no Instituto Gregoriano de Lisboa, é mestre em Direção Coral e pós-graduada em Estudos Avançados em Polifonia. É docente de coro na Escola de Música de Nossa Senhora do Cabo. É maestrina do Coro JMJ2023, do Coro Participativo da Fundação Calouste Gulbenkian e assistente do Coro Participativo do Summer Choral Festival of Lisbon. Dirige o Ensemble São Tomás de Aquino e o Coro Regina Coeli de Lisboa. Como meio-soprano trabalha regularmente com os grupos Choeur du Chambre de Namur, Ars Lusitana, Arte Mínima, Capella Sanctae Crucis, Officium Ensemble e Coro Gulbenkian.



© Bruno Poeira

Jorge Leiria

Tenor

Natural de Torres Vedras, Jorge Leiria é licenciado em direção de orquestra de sopros e mestre em direção de orquestra pela Escola Superior de Música de Lisboa. É membro do Coro Gulbenkian e do Officium Ensemble. Dirigiu diversos *ensembles* instrumentais, dos quais destaca a Orquestra do Algarve e a Orquestra do Norte. Atualmente, é diretor artístico da Cameratinha – Coro Infantojuvenil de Torres Vedras, maestro assistente da Orquestra Académica da Universidade de Lisboa, maestro da Banda da Sociedade Filarmónica Boa União Montelavarense e da Banda do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa.



© Mara d'Elean

André Baleiro

Baixo

Entre ópera, oratória e recital, André Baleiro tem-se destacado como intérprete versátil e de grande sensibilidade. Dos papéis operáticos destacam-se Pelléas (*Pelléas et Mélisande*) de Debussy, Tarquinius (*The Rape of Lucretia*) e Ned Keen (*Peter Grimes*) de Britten, Figaro (*O Barbeiro de Sevilha*) de Rossini, *Orphée* de Philip Glass e Ford (*Falstaff*) de Verdi. Na presente temporada irá estrear os papéis de Conde (*As Bodas de Fígaro*) de Mozart no Teatro Nacional de São Carlos, *O Prisioneiro* de Dallapiccola, e Miller (*Luisa Miller*) de Verdi no Teatro de Lucerna. Artista regular nos principais palcos nacionais, tem atividade em diversos países europeus como Espanha, Alemanha, Suíça, Áustria e Polónia.



© DR

Clara Alcobia Coelho

Direção coral

Clara Alcobia Coelho é desde 2001 docente na Escola Superior de Música de Lisboa e na Academia Nacional Superior de Orquestra e desde 1997 membro do Coro Gulbenkian. Dirigiu e fez a preparação musical de diversos projetos de que se destacam a ópera *Paride ed Elena* de Gluck no São Luiz Teatro Municipal, o projeto ENOA *L'Autre Hiver* de Dominique Pauwells com o Coro Gulbenkian, a gravação de música moderna e contemporânea para Coro e Órgão com o Ensemble Lusiovoce, a direção de ópera moderna (*Zad Moulkata*, Judith Weir e Stephen Oliver) em Lisboa e em Londres e a interpretação e gravação do 1.º Prémio Musa — prémio de Composição MPMP, dedicado a música moderna e contemporânea portuguesa. É doutoranda na Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Ensemble MPMP

O Ensemble MPMP é um grupo de instrumentação flexível que tem desenvolvido, desde 2012, um trabalho de proximidade com musicólogos e compositores com vista à redescoberta de património português do passado e à valorização de repertórios contemporâneos. Tem-se apresentado no Festival Prémio Jovens Músicos (2013 e 2015) e no Festival de São Roque (desde 2013), tendo estreado modernamente obras de cerca de uma dezena de compositores dos séculos XVIII a XX. O seu quarteto de cordas e o duo de piano a quatro mãos realizaram uma digressão ao Brasil em 2014. Em 2015, levou à cena as óperas *O cavaleiro das mãos irresistíveis* e *Cai uma rosa...*, respetivamente de Ruy Coelho e de Daniel Moreira. Concebeu os projetos *Latitudes*, *Música Portátil* e diversos outros ciclos de concertos por todo o país. O Ensemble MPMP conta igualmente com cerca de uma dezena de participações discográficas, com música desde o Romantismo até à atualidade. As suas participações no festival Dias da Música em Belém 2017, no CCB, apresentando o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo, e no Festival de Sintra de 2021, com a versão integral dos *Mattutino de' Morti* do mesmo compositor, foram transmitidas pela RTP.

Alexandre Delgado

Musicólogo

Começou os seus estudos musicais na Fundação Musical dos Amigos das Crianças (hoje AMAC). Foi aluno particular de Joly Braga Santos em composição e estudou com Jacques Charpentier em França, diplomando-se com o 1.º Prémio de Composição do Conservatório de Nice em 1990. Com encomendas de Portugal e do estrangeiro, a sua produção abarca especialmente música de câmara, música orquestral, obras vocais e ópera. *Langará*, para clarinete solo (1992) tornou-se obra de repertório desse instrumento a nível internacional. Dirigiu a estreia da sua ópera *O Doido e a Morte* (1993) no Teatro Nacional de São Carlos, no Theatre Am Halleschen Ufer em Berlim e no Theatro da Paz em Belém do Pará. Dirigiu também a estreia da sua ópera *A Rainha Louca* (2009) em Portugal e no Brasil. Entre as suas estreias mais recentes contam-se as cantatas *O Pequeno Abeto* e *O Soldadinho de Chumbo*, que dirigiu com mais de 200 crianças na Casa da Música. Como violetista, foi aluno de Barbara Friedhoff, diplomou-se em França e venceu o Prémio Jovens Músicos em 1987. Estreou como solista o seu Concerto para Violeta e Orquestra em Portugal, Espanha e na Holanda.

Fez parte da Orquestra de Jovens da União Europeia, onde atuou sob a direção de Claudio Abbado e de Zubin Mehta. Foi membro da Orquestra Gulbenkian e é desde 2005 membro do Moscow Piano Quartet. Foi diretor artístico do Festival de Música de Alcobaça, tendo programado numerosas estreias modernas e estreias absolutas. Assina o programa *A Propósito da Música* na Antena 2 desde 1996 e é autor dos livros *A Sinfonia em Portugal*, *A Culpa é do Maestro (Crítica Musical)* e *Luís de Freitas Branco*.

ENSEMBLE MPMP

Sopranos

Ariana Russo
Cecília Rodrigues
Inês Tavares Lopes
Sofia David
Verónica Silva

Contraltos

Bianca Varela
Fátima Nunes
Laura Lopes
Rita Tavares
Salomé Monteiro

Tenores

Francisco Pinheiro
Gerson Coelho
Jorge Leiria
Ross Buddie
Tiago Simas

Baixos

André Baleiro
Henrique Coelho
Miguel Carvalho
Pedro Casanova
Rui Bôrras

JÁ A SEGUIR

8 DEZ

CICLO CONCERTOS COMENTADOS

NEORROMANTISMO

CARLOS DAMAS E ANIKA VAVIĆ

Carlos Damas e Anika Vavić apresentam um programa envolvente que mergulha nas profundezas emocionais do neorromantismo musical. Destacam-se a *Sonata Inacabada* de António Fragoso, cuja influência da escola francesa se combina com uma intensidade emocional à moda alemã. Robert Schumann, Gabriel Fauré e Sergei Prokofiev são referências inspiradoras neste concerto. A crítica internacional elogia Damas e Vavić pela sua refinada sensibilidade musical e criatividade, garantindo uma interpretação envolvente e cativante deste repertório clássico.

Concerto comentado por Carlos Damas.

Domingo, 11h00
Sala Luís de Freitas Branco
M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO MEDIA

